

# DA RESISTÊNCIA À DESOBEDIÊNCIA: O FEMININO NA POLÍTICA

*FROM RESISTANCE TO DISOBEDIENCE: THE FEMININE IN POLITICS*

**Giovanna Quaglia<sup>1</sup>**

Instituto de Psicanálise Leste-Oeste (IPLO). E-mail: giovannaquagliar@gmail.com

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i1.70>

Recebido em: 11.07.2024

Aceito em: 25.07.2024

---

**Resumo:** O presente artigo é uma leitura psicanalítica de Antígona, como exemplo de ato político regido pelo feminino. Partindo da noção de ato em Lacan apresenta-se Antígona como uma representante da lógica do não todo submetido a norma fálica. Para além de enterrar os mortos, Antígona pode ser lida como ato de resistência e desobediência as tentativas totalitárias de usurpar da *polis* aquilo que é mais sagrado, os direitos humanos. A partir da voz de uma mulher podemos ecoar uma fala na luta pela igualdade.

**Palavras-chave:** Antígona, ato, feminino, política, fala.

## Existe lugar para o feminino na Política??<sup>2</sup>

Para responder a essa pergunta a luz de uma visão psicanalítica, utilizarei a ideia de ato e feminino em Lacan, tomando como unidade de análise Antígona, filha mitológica de Édipo. Heroína trágica de Sófocles<sup>3</sup> que nos é apresentada na Trilogia Tebana, com Édipo Rei e Édipo em Colono.

Na tragédia, Antígona resistindo aos éditos de Creonte sepulta o irmão Polinices, é desse agir e seus efeitos que pretendo abordar o ato político regido pelo feminino, uma vez que é da diferença lógica entre Antígona e Creonte, que encontramos duas essências para a ação: a lei divina e universal, que se realiza na mulher e sua mística aos Deuses; e a lei humana, que se faz no homem e na vida do Estado.

## A tragédia

Já no prologo, a tragédia nos lança a questão ético-política do texto. Polinices havia liderado um exército contra o regime de seu irmão, Etéocles, com fim de tomar o trono, uma

---

1 Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Membro do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic (CNPq), linha de pesquisa Filosofia, Psicanálise e Política. Diretora de Núcleo e Clínica do Instituto de Psicanálise Leste-Oeste (IPLO). Mestre em Psicologia Clínica -UNB. giovannaquagliar@gmail.com

2 Questão levada pela autora junto as aulas que ministrou em parceria com o professor Miroslav Milovic dentro do Programa de Pós Graduação em Filosofia do Direito da UNB, na disciplina Direito como Potencia realizada no 1 semestre de 2019.

3 Escrita por Sófocles em 441 a.C



vez, que o considerava seu por direito<sup>4</sup>, conforme acordo entre os sucessores de Édipo. Em batalha ambos morrem<sup>5</sup> e Creonte, erigido ao trono, ao considerar Polinices traidor de Tebas, decreta a proibição de seu funeral; deixando seu corpo em abandono. Somente Etéocles receberia honras fúnebres, já que defendera Tebas.

Em diálogo entre Antígona e a Ismena, somos avisados que Antígona, resistindo ao edito, deseja enterrar o irmão. Assim, em desobediência a lei, encarna seu dever de dar sepultura a Polinices, espalhando sobre seu corpo terra<sup>6</sup>, em rito sagrado que liberta sua alma.<sup>7</sup>

Creonte, ao saber da desobediência, ordena a prisão de Antígona e a condena a ser sepultada viva, em túmulo subterrâneo, até a morte. Questionada por Creonte como ousou transgredir sua lei, Antígona coloca em fala sua ética, sem recuar até a morte.

## Ato Político

Lacan<sup>8</sup> dirá que a natureza do ato resulta de “posição que se deve manter por estar apto a exercê-lo”, da qual “dependem consequências mais sérias” em relação ao que deriva disso. O ato de Antígona, está além do ritual sagrado de inumação do corpo em honra ao irmão morto, traço trágico e memória dos Labdácidas<sup>9</sup>; em torção lógica, não é contra a lei que age, mas sobre seu uso, trazendo o ângulo político do imutável<sup>10</sup> no direito universal, em defesa à dignidade humana e princípio de equidade. Essa é a posição da sustentação oral de Antígona.

A jovem, filha de Édipo, enfrenta sozinha a tirania, sem usar violência, matar ou armas, faz ecoar a voz da mulher<sup>11</sup> em negação ao poder arbitrário e absoluto, convertendo privação/exclusão em contradição/superação à totalidade.

Antígona não se insurge às leis estabelecidas, mas sim ao “capricho ocasional de um homem”<sup>12</sup>, e nesse ponto, sua voz é a expressão veemente do desacordo ao édito “porque não foi Júpiter que a promulgou”<sup>13</sup>, pois essa ordem, dada com tamanha altivez, vem ferir os direitos que constitui a essência humana, “as leis não escritas dos costumes e os estatutos infalíveis dos deuses. Porque essas não são leis de hoje, nem de ontem, mas de todos os tempos.”<sup>14</sup>

Seu ato reside na inversão e deslocamento do discurso, ao proteger o que lhe é sagrado, em lógica que não pode formar o todo fálico ao dizer que não se reconhece naquele ali, e permite que surja a defesa dos direitos dos cidadãos da *polis* diante da tirania, “a glória que eu buscava eu

4 Após Édipo ser expulso de Tebas, seus dois filhos homens, assumiriam o governo em permutação. Etéocles começa a governar, porém, ao chegar o momento da permutação recusa-se a entregar o trono a Polinices, é desse conflito que advém a guerra.

5 Um pela espada do outro.

6 Tal ato é feito duas vezes por Antígona. Na primeira vez, sem saber quem teria lançado pó sobre o corpo de Polinices os guardas o desenterram, então Antígona faz novamente as honras fúnebres e dessa vez é flagrada.

7 O morto, não sepultado, não poderia entrar no Reino dos Mortos, seria um errante entre mundos, disso se extrai que a lei de Creonte impunha um exílio não só da vida, mas uma errância na morte.

8 Lacan, J.O ato psicanalítico: Seminário 1967-1968. p.28

9 A Dinastia dos Labdácidas foi a casa dinástica que fundou e reinou sobre a cidade de Tebas, na Grécia Antiga, de acordo com a mitologia grega. A casa foi narrada na Trilogia Tebana.

10 Aqui cabe a referência a Cláusula Pétrea da Constituição Brasileira que visa proteger a dignidade da pessoa humana. Tema em pauta hoje, uma vez que existem grupos políticos no Brasil que vem apresentando tentativas de alteração da cláusula pétrea da constituição, a exemplo PEC 45/2023.

11 Em uma sociedade onde isso não era permitido. Oferecendo ai a leitura para a voz das minorias, voz do povo, voz dos escravos.

12 Antígona, de Sófocles. Tradução de Millôr Fernandes. Editora Paz e Terra, 2005, 2005. P.29

13 idem.

14 Idem.

tenho e ninguém mais me tira – de dar a meu irmão um enterro digno. Todos aqui se apressariam em concordar com o que eu fiz se não tivessem a língua travada pela covardia.”<sup>15</sup>

## Feminino

Em Lacan, o campo do trágico está em *Atè*,<sup>16</sup> lugar vazio no campo do Outro. Lacan destaca que a *atè* não é um erro de julgamento – - *hamartia*<sup>17</sup>, mas algo sobre o qual o sujeito se precipita por surgir no campo do Outro, um campo estruturado em torno de um vazio constitutivo: a *atè*. *Atè* “o lugar onde Antígona se situa”<sup>18</sup> define o campo do trágico a partir de algo que vem do real, limite que a vida humana não poderia transpor por muito tempo, uma loucura enviada pelos deuses, vazio que perturba o espírito, infinito por vir do significante da falha no lugar do Outro, levando ao infortúnio.

“A iluminação violenta, o clarão da beleza, coincidem com o momento de franqueamento, de realização da *Atè* de Antígona,”<sup>19</sup> loucura que a vemos ser acometida, fruto da relação com os Deuses, daí decorre um gozo mais-além do falo e sua mística trágica em direção a morte.

Antígona aparece como princípio feminino ao se erguer contra a lei masculina e defender o lado não todo diante dos homens, levando às últimas consequências o ato de sepultamento de seu irmão. Lógica que não se separa da loucura e do desejo puro em renúncia à satisfação, e imprime a virada contra a fixação do gozo fálico.

A torção lógica de Antígona romperia com o fracasso edípiano a quem, diante da revelação da sua verdade, só restou o exílio; e em uma antimitológia patriarcal, representa um ato político feminino diante da *pólis*, pela via da resistência e desobediência enfrenta o uso injusto da lei pelos homens.

Enquanto fundamento mítico da mulher lacaniana, em mutação discursiva do homem-Édipo, homem-Creonte, emerge em redenção da humanidade fálica, pelo seu próprio caráter de mulher e irmã que nasceu “apenas para o amor”, com uma orientação política e ética que Lacan diz que “esfinja sua não-toda.”<sup>20</sup>

## Voz- Fala

Pela voz de Antígona encontramos a transmissão pura de um dizer que ultrapassa a noção de todo e abala a ordem, transformando a gramática fálica em sintaxe cavada pelo furo feminino. Sua fala franca como noção política é um ato de coragem e liberdade que sustenta seu dizer e assume o risco por ter apresentado a quem escuta o que pensa. Fala que ultrapassa a noção de decisão de interesse particular. Analisado a luz da definição de Foucault<sup>21</sup> sobre a *parrhesía*,<sup>22</sup>

15 Idem.

16 Lacan, J. (1997). O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 310.

17 Palavra que Aristóteles utiliza na Poética para essência da ação trágica.

18 Lacan, J. (1997). O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 327.

19 Ibidem, p. 331.

20 Lacan, J. O aturdido (1972/2003). In J. Lacan. Outros escritos (pp. 448-497). (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 469.

21 Foucault, M. (2011). A coragem da Verdade. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes.

22 na *parrhesía* como noção política o falante sustenta seu dizer e assume o risco por ter exposto o que pensa a quem possa escutar.

lemos o ato de Antígona como político, uma vez que se trata da ética do bem-dizer o desejo.

Lacan<sup>23</sup> diz que o que constitui o ato está no *objeto a* que permite destituir de sua função a relação com o todo, assim a encarnação do *objeto a* faz a destituição subjetiva para que o sujeito possa aceder ao lugar de objeto no seu desejo. Em Antígona o desejo estava lá, entretanto, só foi reconhecível quando colocado em ato.

Articular Política e Antígona, a partir do ato de fala, é aproximar a noção de que em Lacan o ato, implica um dizer onde a dimensão do Outro, no testemunho que ele faz desse dizer não pode ser eliminável, daí seu efeito. A radicalidade de Antígona, dimensão de sua morte, passa sobre o ato renovado de sua fala, “o ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito... por isso ele remete ao em si de uma consistência lógica, de decidir se é possível dar sequência a um ato tal que, em seu fim, destitui o próprio sujeito que o instaura.”<sup>24</sup>

Antígona morre! Porém até em sua morte encontramos torção lógica, uma vez que converte em suicídio o que seria execução. Aos olhos de Lacan, Antígona encarna um trajeto “entre- duas- mortes,”<sup>25</sup> tendo em vista que recebe a pena de ser sepultada viva, e um intervalo entre duas mortes se produz, entre o enterro de Polinice e sua morte real, metaforizando a morte do sujeito substancial metafísico efetuada em uma análise, entre a morte analítica e a morte biológica.

## Feminino na política

Antígona tomada pela lógica do não-todo não pode formar o todo fálico do poder em uso nas leis, sua ação representa resistência e desobediência contra as estruturas opressoras, ato de coragem e liberdade por não ceder ao desejo e que pela fala vai além da guerra, ao destino do amor.

A tentativa de ler Antígona como ato político, rompe o traço de Édipo a quem só restou o exílio e, apresenta a possibilidade do feminino na Política. Antígona proibida de agir, age avessa aos ditames totalitários e, pela fala subverte a ordem, criando um antes e depois, com efeito, na *polis*: “O povo fala. Por mais que os tiranos apreciem um povo mudo, o povo fala.”<sup>26</sup>

23 Lacan, J. O ato psicanalítico: Seminário 1967-1968.

24 Lacan, J. (1969/2003). O ato psicanalítico. Resumo do seminário de 1967-1968. In J. Lacan. Outros escritos (pp. 371-379). (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

25 Lacan, J. (1972/2003). O aturdido. In J. Lacan. Outros escritos (pp. 448-497). (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 489

26 Antígona, de Sófocles. Tradução de Millôr Fernandes. Editora Paz e Terra, 2005.